

---

**Uma leitura heideggeriana da finitude na Crítica da Razão Pura de Kant**  
**A Heideggerian approach of finitude on Kant's Critique of Pure Reason**

**Fernanda Leite**  
**Doutoranda em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Bolsista CAPES**

Resumo: O trabalho pretende tratar da questão da finitude e, conseqüentemente, também da infinitude, no sistema filosófico kantiano, bem como discutir as prováveis conseqüências do modo como essas noções são caracterizadas. A discussão e a tentativa de estabelecer um diálogo com o que está em jogo em Kant, dar-se-ão, no entanto, a partir do modo como Heidegger pensa a questão da finitude.

**Palavras-chave:** finitude; infinitude; tempo; conhecimento; razão.

Abstract: The paper intends to approach the question of finitude and consequently also the question of infinitude on Kant's philosophical system, as well as discuss the expected consequences of the way those notions are characterized. The discussion and the attempt of establishing a dialogue with what is at issue on Kant's thought will be made through the way Heidegger thinks the question of finitude.

**Key words:** finitude; infinitude; time; knowledge; reason.

O presente trabalho tenciona tratar, de modo inicial, da questão finitude-infinitude tanto em relação ao que se estabelece no pensamento de Kant quanto no de Heidegger. Deve ser dito, contudo, que a orientação do trabalho restringe-se basicamente à leitura que Heidegger faz da *Crítica da Razão Pura* na obra *Que é uma coisa?*, um curso do semestre de inverno de 1935/36, dado pelo filósofo na Universidade de Freiburg. Trata-se, assim, de um texto sobre uma certa leitura de Kant – a leitura heideggeriana – e, acima de tudo, veremos tratar-se de uma certa leitura a partir da leitura de Heidegger acerca da *Crítica da Razão Pura*.

No curso sobre Kant intitulado *Que é uma coisa?*, Heidegger expõe a questão acerca da coisa a partir da parte da *Crítica* chamada “Sistema de todos os princípios do entendimento puro”. Para Heidegger, porque Kant determina a essência da coisa como coisa da natureza, pode-se avaliar que ele não levanta a questão da coisalidade das coisas. Heidegger acrescenta que isso não tinha nenhuma importância para Kant e que seu olhar dirige-se à coisa como objeto da ciência físico-matemática.<sup>1</sup> Apesar disso, Heidegger encontra terreno para levar a cabo seu questionamento acerca da coisa no

---

<sup>1</sup> Cf. HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 130. Apesar desse olhar sobre a coisa, que pertence ainda ao interior da tradição ocidental, Heidegger nos diz que o modo como Kant concebe e fundamenta os “axiomas” que determinam a coisa consistem em uma transformação em relação à tradição – que não será aqui desenvolvida.

âmbito da Crítica da Razão Pura e afirma que, mais do que apenas mais um livro de filosofia, a Crítica diz respeito a “uma posição-de-fundo do nosso ser-aí histórico, que não podemos iludir, nem ultrapassar nem, muito menos, renegar”<sup>2</sup>.

Não são raras as vezes em que Heidegger explicita a importância da obra de Kant. Em um outro momento, ele diz: “Não há ciência sem pressupostos, porque a essência da ciência reside em tais pressupostos, em juízos prévios sobre o objeto. Kant, não somente afirmou tudo isto, como também o mostrou e não somente o mostrou como fundamentou. Ele estabeleceu essa fundamentação na nossa história como uma obra edificada, sob a forma da Crítica da razão pura” (HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 176).

Importa também observar que apesar de Heidegger algumas vezes identificar Kant com a tradição filosófica que o antecedeu, é freqüente a menção à novidade da *Crítica da Razão Pura* e a um certo rompimento com a tradição, a partir da compreensão de que Kant determina a essência do pensar de modo novo. Quanto à sua proximidade em relação à tradição, Heidegger afirma em um trecho a respeito dos juízos: “Eles são justamente necessários, para tornar possível o conhecimento humano, enquanto experiência. De acordo com a tradição do pensamento moderno que Kant, apesar de tudo, manteve, o conhecimento funda-se em princípios” (HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 166).

O fundamento do conhecimento em princípios apresenta-se como uma indicação de que Kant mantém-se no interior da tradição. Não obstante, “não é pelo mero fato de pensar que conheço um objeto qualquer”<sup>3</sup>, afirma Kant na segunda edição da *Crítica*. O fato de o conhecimento não ser constituído apenas por puro pensamento marca a diferença de Kant em relação à tradição metafísica racional: “Os esclarecimentos puramente lógicos da possibilidade, da efetividade e da necessidade, tal como foram abordados pela metafísica racional, são rejeitados; em poucas palavras: o ser já não é mais determinado a partir do puro pensamento (HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 228).

Heidegger afirma também que, apesar disso, a interpretação neokantiana da *Crítica* se desenvolveu no sentido de menosprezar o elemento fundamental do conhecimento humano – a intuição – estabelecendo a suposição de uma primazia do pensar. Heidegger destaca uma passagem da *Crítica* em que é determinada a essência do conhecimento

---

<sup>2</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 178.

<sup>3</sup> KANT, *Crítica da Razão Pura*, B406.

como intuição<sup>4</sup>, afirmando que se trata de um ataque contra a metafísica racional. É certo que Heidegger não desconhece que a intuição não constitui sozinha o campo do conhecimento, mas salienta o fato de que é ela a relação imediata com os objetos e que os traz até nós. Nem pensamento nem intuição podem, isoladamente, constituir o conhecimento, mas “o pensamento pertence à intuição de tal modo que se encontra ao seu serviço”<sup>5</sup>.

Para além das diversas questões que estão em jogo nesse curso sobre Kant, nosso maior interesse aqui está direcionado para o modo como aparece a questão finito-infinito e como ela é vista a partir da concepção de finitude-infinitude do próprio Heidegger.

A *Crítica da Razão Pura* parece fazer, de saída, o tema da finitude incidir primordialmente no âmbito do conhecimento, ao propor o estabelecimento da análise das condições de possibilidade do conhecimento legítimo. Já no prefácio à primeira edição, Kant marca a ocorrência de limites no conhecimento humano, ao afirmar que a razão humana se encarrega de questões que não pode ignorar justamente por serem prescritas pela própria natureza da razão mas que, contudo, são questões que a razão humana não pode responder por que extrapolam todos os seus poderes<sup>6</sup>.

Na mesma obra, a incidência de uma certa limitação sobre o conhecimento também é anunciada e explicitada na afirmação da ocorrência, no campo humano, apenas de conhecimento “possível”. Também nos *Prolegômenos*, podemos encontrar a clara referência à finitude do conhecimento humano, quando Kant diz que “são-nos dadas coisas como objetos dos nossos sentidos e a nós exteriores, mas nada sabemos do que elas possam ser em si mesmas; conhecemos unicamente os seus fenômenos”<sup>7</sup>.

Em *Que é uma coisa?*, Heidegger afirma que é o conhecimento humano que está em jogo na *Crítica* e que tal conhecimento é “finito”, “não-absoluto”. Para ele, não se trata, na obra kantiana, do “conhecimento em sentido absoluto”<sup>8</sup>.

---

<sup>4</sup> Cf. KANT, *Crítica da Razão Pura*, A19 e B33.

<sup>5</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 136.

<sup>6</sup> Cf. KANT, *Crítica da Razão Pura*, Avii.

<sup>7</sup> KANT, *Prolegômenos a toda a metafísica futura que queira apresentar-se como ciência*, p. 58.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 134.

Além disso, a oposição finitude-infinitude parece ser revelada pela indicação, na segunda seção da “Estética transcendental”, de que de um lado haveria o conhecimento de “todo ente pensante finito”<sup>9</sup>, ao qual corresponderia uma intuição sensível (denominada derivada) com função receptiva em relação ao que é possível de ser conhecido (fenômenos) e, de outro, uma intuição intelectual que, no dizer de Kant, “parece atribuível unicamente ao ente originário e jamais a um ente dependente [o homem]”<sup>10</sup>.

Em um outro curso sobre Kant, intitulado *Kant e o problema da metafísica*, Heidegger aborda a finitude do conhecimento exposta na *Crítica*, indicando que o traço característico da finitude da intuição reside em sua receptividade. Segundo ele, a essência da faculdade da sensibilidade se encontra na finitude da intuição. O conhecimento finito conhece fenômenos, objetos, e não a coisa-em-si. A intuição está em relação sempre e somente com objetos. Quanto ao conhecimento infinito, Heidegger diz que este não pode se opor a nenhum ente ao qual ele teria que se conformar, na medida em que um tal modo de “conformar-se a ...” já seria uma ‘ordenação a ...’ e, por isso, uma forma de finitude<sup>11</sup>.

A questão finitude-infinitude pode ser também colocada em relação ao próprio tempo como intuição pura. Em *Que é uma coisa?*, Heidegger menciona o caráter infinito do tempo como intuição, apesar de sua função delimitadora: “Tempos diferentes são apenas uma delimitação de um único tempo total. Este último, não começa por ser composto por meio de um acréscimo de partes, mas é ilimitado, in-finito, não é produzido por composição, mas é *dado*. Esta única totalidade originária uma da sucessão é, previamente, objeto de uma representação imediata, quer dizer, o tempo é algo de intuído a priori, é “intuição pura” (HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 219); mais ainda: “Em cada agora, o tempo é sempre o mesmo agora; ele é, permanentemente, ele próprio. O tempo é aquele persistente que existe em cada tempo. O tempo é o puro permanecer e é somente na medida em que permanece que é possível a sucessão e a mudança” (HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 219).

Tal infinitude está no próprio texto da *Crítica da Razão Pura*, quando Kant afirma que o tempo é “estável e permanente”, que “não

<sup>9</sup> Cf. KANT, *Crítica da Razão Pura*, B72.

<sup>10</sup> Cf. KANT, *Crítica da Razão Pura*, B72.

<sup>11</sup> Cf. HEIDEGGER, *Kant et le problème de la métaphysique*, p. 92.

passa”<sup>12</sup> e que “não é o próprio tempo que se modifica, mas é aquilo que se encontra no tempo que se modifica”<sup>13</sup>.

Das duas citações de Heidegger apresentadas acima em conjunto, a primeira parece situar o caráter infinito do tempo como originário ao falar de uma “totalidade originária” do tempo. De acordo com isso, para Kant, a dimensão infinita teria um lugar anterior em relação à finitude, pois esta é produzida pela infinitude, por esse “tempo total”, que é infinito.

Quanto a essa mesma questão em Heidegger, destacamos, primeiramente, que o tratamento que ele oferece ao tema da finitude humana permanece distante do que seria uma abordagem epistemológica. A finitude não é – diferentemente do que se passa em Kant – pensada como finitude do conhecimento. Em *Ser e Tempo*, Heidegger afirma que a experiência humana é constituída de saída pelo “ser-para-a-morte”. Em poucas palavras, o acontecimento humano - ou a vida humana - é necessariamente marcado pela finitude, isto é, pelo risco permanente de não ser em sentido próprio. Isso porque a existência não é algo dado, mas precisa se fazer, exige trabalho permanente. Essa exigência de trabalho permanente aponta para uma precariedade fundamental da vida humana.

Essa maneira de pensar a questão da finitude é encontrada também em *Kant e o problema da metafísica*, quando Heidegger diz que “a questão da finitude no homem não é uma pesquisa arbitrária das propriedades desse ente”<sup>14</sup>, bem como no texto *Sobre a essência do fundamento*, na seguinte passagem: “A explicitação da *essência da finitude* do ser-aí a partir de sua constituição ontológica deve preceder a toda base “óbvia” da “natureza” finita do homem, a toda descrição de qualidade que somente são conseqüências da finitude e, por último, a todos os “esclarecimentos” sobre a origem ôntica da mesma” (HEIDEGGER, *Sobre a essência do fundamento*, p. 148).

A passagem acima também expõe o estatuto de originariedade que é atribuído à finitude na obra de Heidegger, na medida em que afirma que caracterizações usualmente tomadas como a finitude essencial do homem não passam de derivações (ou “conseqüências”) desta, que seria originária. É precisamente devido à designação de “originária” que ela (a finitude) não pode ser considerada à luz do caráter contingencial de um atributo. A finitude, nesse sentido, funda o homem, ou seja, ele já é sempre finito. Não

<sup>12</sup> KANT, *Crítica da Razão Pura*, A144 e B183.

<sup>13</sup> KANT, *Crítica da Razão Pura*, A41 e B58.

<sup>14</sup> HEIDEGGER, *Kant et le problème de la métaphysique*, p. 276.

há homem anterior à finitude e não há a possibilidade de esta talvez não incidir sobre ele.

Nos parágrafos da segunda seção de *Ser e Tempo* dedicados exclusivamente à temporalidade, Heidegger situa o tempo originário como finito e caracteriza como imprópria a temporalidade que se estabelece como infinita e como contínua sucessão de agoras. Para ele, é a partir de uma compreensão vulgar que o tempo pode ser apreendido como originariamente infinito.

Apesar dessas diferenças entre Kant e Heidegger no que diz respeito ao binômio finito-infinito, talvez seja possível vislumbrar uma aproximação entre eles a partir de uma certa leitura feita por Heidegger. Em *Kant e o problema da metafísica*, é indicado que, para que seja possível a instauração do fundamento da metafísica, é imprescindível que o problema da finitude do homem seja colocado<sup>15</sup>, o que indica que a finitude é a base para qualquer interrogação que diga respeito ao homem: “Toda questão relativa ao ser de um ente e particularmente a questão relativa ao ser desse ente que, por sua constituição, assegura a finitude como compreensão do ser, é *metafísica*”<sup>16</sup>. De acordo com essa interpretação, portanto, o fundamento da metafísica só pode se revelar no questionamento mesmo desse ente que é o homem e cujo fundamento é a finitude. Assim, a aproximação entre os dois filósofos consistiria no fato de que Kant não se furta a esse questionamento e isso é afirmado pelo próprio Heidegger na conclusão de *Que é uma coisa?*: “A interrogação kantiana acerca da coisa pergunta pelo intuir e pelo pensar, pela experiência e pelos seus princípios, quer dizer, pergunta pelo homem”<sup>17</sup>. Se esse questionamento acerca do homem é, como diz Heidegger, o que torna possível o perguntar pelo fundamento da metafísica, retorna para nós com mais vigor a afirmação de que a *Crítica da Razão Pura* “diz respeito a uma posição-de-fundo do nosso ser-aí histórico, que não podemos iludir, nem ultrapassar nem, muito menos, renegar”<sup>18</sup>, como Heidegger nos mostra.

## Referências bibliográficas

<sup>15</sup> Cf. HEIDEGGER, *Kant et le problème de la métaphysique*, p. 275.

<sup>16</sup> HEIDEGGER, *Kant et le problème de la métaphysique*, p. 286.

<sup>17</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 231.

<sup>18</sup> HEIDEGGER, *Que é uma coisa?*, p. 178.

A leitura heideggeriana da Finitude na Crítica da Razão Pura de Kant

---

HEIDEGGER, Martin. *Que é uma coisa?*. Trad. de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 2002.

\_\_\_\_\_. *Kant et le problème de la métaphysique*. Trad. de Alphonse de Waelhens e Walter Walter Biemel. Paris: Gallimard, 1953.

\_\_\_\_\_. “Sobre a essência do fundamento”. Trad. de Ernildo Stein. In: *Heidegger – Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.

KANT, Immanuel. *Critique of Pure Reason*. Trad. de Norman Kemp Smith. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.

\_\_\_\_\_. *Prolegômenos a toda a metafísica futura*. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2003.